



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

**ROBERT LOUIS STEVENSON**

---

O ESTRANHO CASO  
DO DR. JEKYL E DO SR. HYDE  
E OUTROS CONTOS



ROBERT LEWIS BALFOUR STEVENSON nasceu em Edimburgo, na Escócia, a 13 de novembro de 1850. Filho de Thomas Stevenson e de Margaret Isabella, tinha uma saúde débil, sensível ao frio e à humidade, característica que o acompanhou pela vida fora. Aos 17 anos, em 1867, entrou na Universidade de Edimburgo para estudar Engenharia, assim continuando uma tradição de família. No entanto, o seu verdadeiro interesse eram as artes, mundo a que se entregou desde cedo com entusiasmo, em particular à literatura. Em 1871, Stevenson desistiu de Engenharia e começou a estudar Direito, chegando a exercer durante alguns anos. Em 1876, conheceu Fanny Osbourne, renomada contista, com quem casou finalmente em 1880, depois de uma longa e atribulada viagem à Califórnia, onde ela se encontrava e que inspirou o seu primeiro livro, *An Inland Voyage*. De regresso ao velho continente, é internado numa clínica na Suíça para tratar a bronquite que o afligia há anos. Os anos seguintes são de fértil produção literária: além de continuar a publicar contos em diversos periódicos, nomeadamente na *The Cornhill Magazine*, deu ao prelo o seu primeiro grande sucesso, *A Ilha do Tesouro*, em 1883, e, três anos depois, foi a vez de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. São também da sua autoria vários outros romances e novelas, inúmeros ensaios, poemas e peças de teatro. Aos 39 anos, em 1889, a família decide fixar-se na Samoa, onde Stevenson viria a morrer prematuramente, aos 44 anos, antes de terminar aquela que poderia ter sido a sua obra-prima, *Weir of Hermiston*, um romance histórico passado na era napoleónica. Apesar do sucesso que alcançou em vida e da admiração que colheu de vários contemporâneos, como Henry James, Cesare Pavese, Rudyard Kipling, Jack London ou Bertolt Brecht, Stevenson foi, durante grande parte do século xx, considerado um escritor menor, associado a histórias de terror e aventuras para crianças, e excluído do cânone. O final do século, porém, trouxe o merecido reconhecimento artístico a um dos escritores mais conhecidos, lidos e traduzidos de sempre.

ALBERTO MANGUEL é um escritor canadiano, nascido em Buenos Aires em 1948. Publicou ficção e não-ficção, incluindo *Curiosità* (sobre as suas leituras de Dante), *Com Borges, Uma História da Leitura*, *A Biblioteca à Noite*, e (juntamente com Gianni Guadalupi) *O Dicionário dos Lugares Imaginários*.

Recebeu inúmeros prêmios, de entre os quais se destacam o Guggenheim, comandante da Ordem das Artes & Letras (França), o Prémio Formentor, o Prémio Alfonso Reyes, o Prémio Gutenberg, e a distinção de Oficial da Ordem do Canadá. É doutor *honoris causa* das universidades de Ottawa e York, no Canadá, Liège, na Bélgica, Poitiers, em França, e Anglia Ruskin, em Cambridge, Reino Unido. Exerceu, até agosto de 2018, o cargo de diretor da Biblioteca Nacional da Argentina. Atualmente, é diretor do Centro de Estudos da História da Leitura em Lisboa, Portugal.

PAULO OSÓRIO DE CASTRO nasceu em Lisboa em 1944, estudou Filosofia e Língua Alemã na Universidade Clássica de Lisboa e, desde muito cedo, interessou-se vivamente pelo estudo e prática das línguas. Mais tarde residente em França, foi jornalista de política internacional e jornalista-tradutor, o que o levou a desenvolver ainda mais o contacto com outros idiomas além do francês — tais como o inglês, o alemão, o espanhol, o italiano. De regresso a Portugal, dedicou-se, a partir de 1988, à tradução de obras literárias — ficção, filosofia, sociologia, geografia, ensaio —, principalmente do alemão (Goethe, Nietzsche, P. Sloterdijk, K. Jaspers, Max Weber, Elias Canetti, Joseph Roth, F. Kafka, H. Hesse...), mas também do inglês (Jeanette Winterson, Daniel Mendelsohn, L. Stevenson, etc.) e do francês (Alexandre Dumas, Alain Min, entre outros).

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
O ESTRANHO CASO DO DR. JEKYLL E DO SR. HYDE E OUTROS CONTOS	1
O Ladrão de Cadáveres	3
Markheim	29
O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde	53
A História da Porta	59
Em Busca do Sr. Hyde	67
O Dr. Jekyll Estava Muito à Vontade	77
O Caso do Assassinato de Carew	81
O Incidente da Carta	87
O Incidente do Dr. Lanyon	93
O Incidente à Janela	99
A Última Noite	103
A Narrativa do Dr. Lanyon	117
Declaração Completa de Henry Jekyll Acerca do Caso	127
NOTAS DE TRADUÇÃO	147

## INTRODUÇÃO

Todos os escritores encarnam um mistério. Para o desvendar, os leitores recorrem ao que estiver disponível: diários e correspondência privada, imagens e gravações, entrevistas que lhes foram feitas e as memórias de quem os conhecia — porque os leitores acreditam ingenuamente que conhecer o mágico vai desvendar o segredo da sua magia. Ninguém o compreende por inteiro e ninguém pode, certamente, explicar o mistério.

Sabemos que Stevenson nasceu a 13 de novembro de 1850, em Edimburgo — uma cidade onde se passam muitas das suas histórias e cujo sotaque musical está subjacente à sua prosa e verso. Desde a infância que sofria de tuberculose, doença à qual acabará por sucumbir em 1894. Durante as longas noites insones, a sua ama, Cummie, entretinha-o com histórias de fantasmas para afastar o verdadeiro fantasma, a que o rapaz chamou «A Bruxa da Noite» para não lhe dar o seu verdadeiro nome. Depois de alguns anos de estudos de Direito muito pouco entusiásticos, procurou alívio para os seus pulmões exaustos partindo em viagem pelo mundo, desde as altas montanhas da Europa até às praias dos mares do Sul. Em França, apaixonou-se por uma mulher americana, Fanny Osbourne, vários anos mais velha do que ele. Quando ela regressou à América com os dois filhos, Stevenson perseguiu-a através do Atlântico e depois por todo o território

dos Estados Unidos. Conseguiu alcançá-la na Califórnia, onde a pediu em casamento; ela aceitou.

Entre 1884 e 1887, Stevenson e a sua nova família viveram na cidade costeira de Bournemouth, em Dorset, Inglaterra. Embora estivesse grande parte do tempo acamado (ele descreveu-se vivendo «como um gorgulho num biscoito»), estes foram para Stevenson anos de uma produtividade feliz, em que pôde explorar as questões éticas que há muito o preocupavam: a ambiguidade do bem e do mal, da ação no mundo e da reflexão na mente, da vida onírica e dos devaneios diurnos. Em 1884, quando Stevenson tinha apenas 33 anos, escreveu e publicou vários contos magistras que exploram estes temas: uma versão de um caso verídico de roubo de sepulturas, *O Ladrão de Cadáveres*, baseado nos assassinatos de Burke e Hare, e o aterrorizante *Markheim*. Dois anos mais tarde, em 1886, publica aquela que viria a tornar-se provavelmente a sua obra mais famosa, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*.

No inverno de 1887, o seu austero pai morreu, e Stevenson decidiu convalescer de um novo ataque de tuberculose no Lago Sarnac, nas montanhas Adirondacks americanas. Estava muito frio, e até ver a temperatura se tornou uma tarefa difícil porque, como Stevenson disse a um amigo, «o mercúrio enrosca-se no termómetro como um urso em hibernação.» No Lago Sarnac, Stevenson compôs para a sua família, numa espécie de contrapartida aos seus contos de terror, *A Christmas Sermon* e o ensaio confessional *Pulvis et Umbra*. Planeou também um cruzeiro ao Pacífico Sul para o verão seguinte. Em 1890, com a mãe viúva, a mulher e os dois enteados, Stevenson emigrou para a Samoa, onde os nativos lhe chamaram *Tusitala*, que significa «Contador de Histórias».

Como habitante da ilha, Stevenson também se envolveu na política local e nos conflitos entre nativos e comerciantes e entre os membros da própria comunidade europeia. Um dos seus mais

veementes atos de protesto foi uma carta denunciatória a um certo reverendo Hyde, que lançara falsas acusações a um padre que Stevenson admirava, o padre Damien, de este ter abusado da sua posição como diretor da colónia de leprosos de Molokai. O padre Damien morrera em 1889; Stevenson, que o havia conhecido pouco antes, entendeu ser seu dever moral defendê-lo. «O homem que tentou fazer o que Damien fez», escreveu na sua carta aberta ao reverendo Hyde, «é meu pai, e pai do homem no bar de Apia, e pai de todos os que amam a bondade; e seria o seu pai também, se Deus lhe tivesse concedido a graça de o ver.» O padre Damien foi beatificado por João Paulo II, em 4 de junho de 1995, pelo seu trabalho com os leprosos.

Numa das orações escritas na Samoa para a sua família, Stevenson escrevera: «Concede-nos que perante Ti possamos ser libertados do medo da vicissitude e do medo da morte, possamos terminar o que ainda nos resta do nosso curso sem nos desonrarmos nem ferirmos outros, e, quando o dia chegar, possamos morrer em paz.» Quando Stevenson morreu, a 3 de dezembro de 1894, esperamos que na paz pela qual rezara, um grupo de homens samoanos carregou o corpo até ao cimo da montanha mais alta sobranceira a Apia e enterrou-o entre as palmeiras. No seu túmulo está o epitáfio que escrevera para si próprio anos antes:

*Aqui repousa, como há muito queria;  
O marinheiro, de regresso do mar,  
E o caçador, de regresso do monte.*

Durante a sua vida, Stevenson tornou-se um dos autores mais conhecidos em todo o mundo, muito lido e muito apreciado. A sua escrita não só é inteligente como é divertida, e foi talvez por causa desta última qualidade que muitos intelectuais obtusos dos séculos xx e xxi o desvalorizaram, classificando-o como «um mero contador de histórias». Apesar da veneração de alguns leitores

eminentes, como Borges, Calvino, Graham Greene e Nabokov, Stevenson ainda é muitas vezes considerado um simples autor de histórias de aventuras para crianças. A culpa é nossa. Distraídos com o que o Stevenson nos diz que está a acontecer, não nos apercebemos daquilo que está realmente a acontecer.

Stevenson levou, no fundo, uma vida dupla. Foi um inválido desde a infância, mas foi também um homem ativo, determinado a levar, se não a vida de um pirata, pelo menos a de um aventureiro. «Um homem que põe todo prazer na atividade, que deseja uma vida agitada como a única que vale a pena viver, estará certamente melhor nos Alpes», escreveu o, uma vez mais, acamado Stevenson em *The Misgivings of Convalescence*. Os Alpes, as Cevenas, os mares do Sul atraíram-no incessantemente com a sua promessa de luz do sol e de saúde, e emprestou aos seus heróis a força que ele próprio não tinha para escalar montanhas e navegar oceanos. Os heróis de Stevenson nunca são pensadores reclusos. Todos têm o seu «prazer na atividade». Correm, lutam, nadam com toda a energia que o seu criador pôde reunir para eles. Os seus homens (quase não há personagens femininas no seu trabalho, com a exceção, talvez, de Thrawn Janet) nunca perguntam «*cui bono?*», a pergunta que, diz Stevenson, «assombra qualquer jovem tísico como a sua própria sombra». A frase é reveladora: todo o mito de Stevenson pode ser reduzido a um mito de sombras, à imagem que um homem tem de si próprio, no seu corpo e na sua mente, em contraste com a imagem que projeta à luz do sol, no mundo, «sem nos desonrarmos nem ferirmos outros.» A sugestão é que estas infâmias estão dentro de nós e que é nosso dever humano resistir-lhes.

Uma das imagens mais inquietantes desta dupla natureza no *corpus* de Stevenson aparece no final de um verso infantil aparentemente inocente. Depois de descrever as atividades da sombra da criança, recorda como uma manhã, muito cedo, ela se levanta «antes de o sol nascer» e explora o jardim coberto de orvalho,



mas a sua sombra, o seu outro inseparável, ficou para trás, na cama, levando uma existência diferente. Lembro-me de ler isto em miúdo e ficar horrorizado com o pensamento aterrador de ser dois: eu próprio, consciente das minhas ações no mundo, e a minha sombra, de cujas atividades eu podia não saber nada.

Os leitores acreditam amiúde que conhecem Stevenson porque acreditam na imagem de si que ele projetou para o mundo — a de um contador de histórias mirabolantes e de um pinga-amor que se expôs a tantos riscos nas suas viagens quantos os das páginas que escreveu. Confundem os temas da sua escrita com o homem que os explorou, como se cada obra literária fosse um espelho do seu criador. «Tive o infortúnio», escreveu Proust no final da sua vida, «de ter começado um livro com “Eu” e partiram imediatamente do princípio de que, em vez de tentar descobrir leis universais, eu estava simplesmente a analisar-me, no sentido mais limitado e detestável da palavra.» Stevenson podia ter-se queixado do mesmo, porque os seus piratas e assaltantes sugerem que o autor tinha mais de aventureiro sanguíneo do que de homem de letras. Numa carta a Henry James, escrita em 1885, quando Stevenson ainda não tinha 35 anos, já se preocupava com a ideia que os seus leitores faziam de si quando lhe chamavam, como um crítico havia feito, um «esteta atlético e cheio de saúde.» Nada estava mais longe da verdade. Uma imagem mais verdadeira é-nos dada nos seus escritos privados, destinados à família — o autor-retrato de um homem que ama o seu semelhante e se vê, profunda e sinceramente, como guardião do seu próximo: «Senhor, ilumina-nos para que vejamos a trave que está na nossa vista, e cega-nos para o argueiro que está na do nosso irmão.», diz uma das orações que escreveu na Samoa. «Deixa-nos palpar as nossas ofensas com as mãos, torná-las grandes e brilhantes aos nossos olhos, como um sol, transformá-las na comida e na bebida à nossa mesa. Cega-nos para as ofensas dos nossos amados, elimina-as das nossas memórias, leva-as da nossa boca para sempre.»

«O estilo é a marca invariável de qualquer mestre», escreveu Stevenson sabiamente em *A Note on Realism*, «e para o aluno que não aspira a chegar tão alto que o faça ser nomeado entre os gigantes, é ainda a única qualidade em que se pode aperfeiçoar tanto quanto deseje. A paixão, a sabedoria, a força criadora, o poder do mistério ou da cor, são atribuídos na hora em que se nasce e não podem ser aprendidos nem simulados. Mas o uso justo e destro das qualidades que tivermos, a noção da proporção entre uma parte e outra, e entre esta e o todo, a elisão do inútil, a acentuação do importante e a preservação de um caráter uniforme de uma ponta à outra — estas qualidades, que juntas constituem a perfeição técnica, estão, até certo ponto, ao alcance da diligência e da coragem intelectual.» Stevenson alcançou muitas vezes esta «perfeição técnica». Quando escolheu descrever uma cena complexa, como a do surgimento do estranho em *Markheim* ou o seu encontro com os dois protagonistas em *O Ladrão de Cadáveres*, uma escolha criteriosa de verbos e substantivos não foi suficiente. Stevenson diseca a cena com precisão cirúrgica para que, ao relê-la, percebamos que não há uma palavra supérflua; cada uma delas é necessária para manter o equilíbrio e a coerência do todo. Este estilo — preciso e exigente, único e invisível — combina admiravelmente com a filosofia de Stevenson. «O estilo», observou Stevenson num ensaio sobre Walt Whitman, «faz parte da essência do pensar.»

Stevenson era essencialmente um artesão. Para ele, o mundo e as palavras que dizem o mundo têm exatamente a mesma importância, embora um não possa ser substituído pelas outras. «Os livros bastam-nos à sua maneira, mas, como substituto para a vida, são bastante desprovidos de força anímica», escreveu em *Uma Apologia do Ócio*. No entanto, os livros podem ser a bússola que permite ao escritor explorar a vida. Estilo, arte e artifício verbal foram importantes para Stevenson até ao seu último suspiro. Se escolheu ser escritor em vez de se tornar engenheiro, como

os seus antepassados construtores de faróis, nunca abandonou a devoção ancestral às medidas exatas e à precisão matemática. O talento para álgebra e logaritmos dos seus antepassados foi substituído, neste descendente distante, por um profundo conhecimento do dicionário e das regras da gramática; concentrava tanta da sua preocupação no equilíbrio de uma frase como eles haviam feito com o equilíbrio de uma ponte. «O amor das palavras e não o desejo de publicar novas descobertas [...] marca a vocação do escritor», observou em *Fontainebleau*. O estilo resultante é impecável, fluido, uniforme, conduzindo o leitor de formas inesperadas e por vezes perturbadoras. «A dificuldade da literatura não é escrever, mas escrever aquilo que se quer dizer», argumentou em *The Truth of Intercourse*, «não é influenciar o leitor, mas influenciá-lo precisamente no sentido que queremos.»

Isto é evidente em toda a sua escrita, e especialmente nas mudanças de tom dos seus memoráveis pares de personagens ficcionais, como Markheim e o estranho, Fettes e MacFarlane e, claro, o agora lendário par Dr. Jekyll e Sr. Hyde. O homem cuja natureza dupla é revelada, que é um espelho de todos nós, percorre a maioria dos escritos de Stevenson, desde os primeiros rabiscos até à sua derradeira obra-prima, deixada inacabada, *Weir de Hermiston*. O modelo do duplo aparece mais claramente no seu primeiro romance, *A Ilha do Tesouro*, retratado como o marinheiro com uma só perna, Long John Silver, cujo papagaio repete as agoirentas palavras «Peças de oito!». Quando, a um terço do romance, Silver é recrutado como cozinheiro do navio pelo ingénuo Squire Trelawney, tanto o fidalgo como o Dr. Livesey chamam a Silver «um homem honesto», associando o seu carácter ao seu nome, um metal que é universalmente símbolo de firmeza e pureza. Stevenson faz o adjetivo *honesto* ecoar através do livro como um aviso sarcástico ao leitor que sente uma inquietação pelo infame pirata mais tarde revelado um traidor, um ladrão, um assassino, e, também, um homem bom e honesto. Neste retrato de um

homem que é também a sua sombra, o leitor deve reconhecer-se, como Jekyll a ver no espelho a face de Hyde, mas também como Hyde a ver a face de Jekyll.

A origem de muitas das suas histórias aterrorizantes pode ser rastreada até aos seus sonhos. Por exemplo, Dr. Jekyll e Sr. Hyde apareceram a Stevenson uma noite, na cama. Num ensaio posterior, *A Chapter on Dreams*, Stevenson explicou que certa tarde tentara inventar uma trama para uma história sem que nada lhe ocorresse. Nessa noite, duas ou três das cenas que mais tarde apareceriam no romance surgiram-lhe, de repente, num sonho. A sua mulher recordou que «nas primeiras horas de certa manhã, fui despertada por gritos de horror do Louis. Pensando que seria um pesadelo, acordei-o. Ele perguntou-me, zangado: “Porque me acordaste? Estava a sonhar com uma bela história de fantasmas”. Eu tinha-o despertado na primeira cena de transformação.» O enteado de Stevenson, Lloyd Osbourne, recordava-se nitidamente da sua primeira leitura: «Louis desceu as escadas num estado febril; leu quase metade do livro em voz alta; e então, enquanto ainda nos estávamos a recompor, voltou a desaparecer, para continuar a escrever. Duvido que o primeiro rascunho tenha demorado mais de três dias a completar. Em termos físicos, a façanha foi, só por si, tremenda, mas, em vez de lhe fazer mal, estimulou-o e animou-o indescritivelmente.»

A mulher de Stevenson lia rotineiramente tudo o que o marido escrevia e anotava comentários nas margens das páginas. Depois de analisar o primeiro rascunho de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*, disse-lhe que ele tinha criado uma alegoria brilhante, mas que a tinha escrito como uma história simples. Perturbado com as suas críticas, ele trancou-se no quarto; quando de lá saiu, admitiu que ela tinha razão e disse que tinha atirado o manuscrito para a lareira. Depois sentou-se e começou a escrever a história de novo do zero, desta vez no modo alegórico, como a mulher tinha

sugerido. Como se constata, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* é muito mais do que uma alegoria.

Tem havido muitos relatos sobre o modo como Stevenson conseguiu a sua inspiração. Um refere a ligação de Stevenson a um homem de negócios chamado Samuel Creggan. «Ele recebeu-nos com o sorriso de Samuel na cara», conta Stevenson, «mas de vez em quando surge um vislumbre de Creggan, a espreitar como um furão branco.» Outro sugere que Stevenson baseou o seu carácter duplo num professor francês, Eugène Chantrelle, com quem o escritor travou amizade em Edimburgo e que, mais tarde, foi condenado por envenenar a mulher. Qualquer destas duas personagens pode tê-lo inspirado, mas a fonte do conceito essencial foi mais profunda. O tenebroso reverendo Hyde que ele conheceu na Samoa só se cruzaria consigo mais tarde.

Stevenson estava familiarizado com a disputa clássica, tal como é contada nos Evangelhos, entre Marta e Maria, as duas irmãs que cuidaram de Jesus de diferentes maneiras. As simpatias de Stevenson estariam com a ativa Marta, tanto nas suas façanhas fora de portas como nas aventuras que sonhou para as suas personagens, e não com a caseira Maria. É revelador que o verdadeiro herói trágico do romance de Stevenson seja o odioso e incansável Sr. Hyde, não o refletido Dr. Jekyll. O homem de ação pode ser mau (o egoísta, brutal e associal Hyde-Marta), mas a culpa dos seus erros reside em Jekyll-Maria, em adoração aos pés da fria ciência. No mundo de Stevenson, o universo está nitidamente dividido ao longo das linhas da teologia maniqueísta, as forças do bem num combate imparcial com as forças do mal, como é refletido pelo estranho de *Markheim*, que sugere o assassínio, mas se goziza quando ele não é levado a cabo. Tudo tem o seu duplo, cada luz tem a sua sombra, cada corpo a sua alma. E nós existimos na tensão entre ambos.

Stevenson via o bem e o mal como duas entidades distintas e separadas, mas complementares, e acreditava que o mundo estava dividido entre os filhos da luz e os filhos da escuridão, e as escolhas que ambos fazem. Isto não quer dizer que se tenha recusado a reparar em matizes: era um artista demasiado bom para isso. Mas os matizes não escondiam o abismo entre o que estava certo e o que estava errado, e Stevenson confessou que, de tempos a tempos, ouvia o canto de sereia das trevas. Comentou certa vez que os cartazes espalhados pelos anciãos da cidade de Edimburgo a recordar aos cidadãos os mandamentos do Senhor tiveram, em muitos passeantes, um efeito adverso. «Fazer a nossa ideia de moralidade centrar-se em atos proibidos é profanar a imaginação e introduzir nos nossos julgamentos acerca dos nossos semelhantes um elemento secreto de entusiasmo», escreveu. «Se uma coisa é errada para nós não devemos demorar-nos a pensar nela; ou em breve ficaremos presos a ela com um prazer inverso.» Este «prazer inverso» é o fruto proibido oferecido aos heróis de Stevenson, de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* aos personagens em conflito de *O Ladrão de Cadáveres*, ao pusilânime *Markheim*.

*Markheim* foi escrito em 1884 para publicação no *Pall Mall Gazette*, mas teve de esperar um ano até aparecer no *Unwin's Christmas Annual*. É a história de um homem, Markheim, que esfaqueia um lojista para o roubar e, após o crime, é confrontado por uma figura obscura com quem dialoga sobre o bem e o mal. O estranho diz a Markheim que, uma vez que ele já cometeu um crime, pode cometer outro: assassinar a criada do comerciante e, em seguida, saquear a loja. Markheim recusa, dizendo que, apesar de ter perdido o seu amor pelo bem, ainda odeia o mal, e diz à criada, que acaba de chegar, que chame a polícia porque ele matou o patrão dela. Então o estranho desaparece. Stevenson evitou sabiamente atribuir ao estranho uma identidade clara: pode ser um fantasma, um espírito maligno, o próprio Diabo ou um anjo da guarda que seduz Markheim com uma tentação

«inversa», de modo que o *possível* segundo assassinato se torne de facto no ponto que permite a Markheim regressar à sociedade dos homens decentes. Ouvindo a resposta de Markheim, o rosto do estranho fica «iluminado e suavizado com um triunfo terno».

Stevenson acreditava no Diabo, ou, pelo menos, nas suas más ações realizadas nesta terra, e na necessidade de nos alinharmos com as forças do bem. Numa das suas intrigantes fábulas curtas, Stevenson conta a história de três homens, um sacerdote, uma pessoa virtuosa e um simples vagabundo, que partiram numa peregrinação santa ao encontro do Deus Odin. Chega um mensageiro que lhes diz que tudo está perdido: os poderes das trevas tinham sitiado as Mansões Celestiais, Odin iria morrer e o mal triunfar.

— Fui grosseiramente enganado! — grita a pessoa virtuosa.

— Agora está tudo perdido — diz o sacerdote.

— Será tarde demais para nos entendermos com o diabo? — pergunta a pessoa virtuosa.

— Ah, espero que não — diz o sacerdote. — De qualquer forma, podemos tentar. Mas o que vais tu fazer com o teu machado? — pergunta ele ao vagabundo.

— Pôr-me a caminho para ir morrer com Odin — responde este.

Stevenson acreditava que o Diabo não tem de triunfar em absoluto.

G. K. Chesterton, no seu estudo sobre Stevenson, faz notar a presença deste Diabo, do Mal encarnado, no pacto mefistofélico do Dr. Jekyll. «Aquele momento em que Jekyll vê a sua própria fórmula falhar-lhe, devido a um acidente que nunca tinha previsto, é simplesmente o momento supremo em qualquer história de um homem que obtém o seu poder do inferno; o momento em que encontra o vício do contrato. Tal momento acontece

a Macbeth e a Fausto, tal como a uma centena de outros, e serve para demonstrar que nada é realmente seguro, muito menos uma segurança satânica. A moral é que o diabo é um mentiroso, e, mais especificamente, um traidor.»

Herdeiro das severas restrições de Lutero e de John Knox, uma severidade mitigada pela igualmente fervorosa imaginação do Norte com as suas bruxas, demónios, duendes e fantasmas, Stevenson observou em *Pulvis et Umbra*: «Procuramos alguma recompensa pelos nossos esforços e ficamos desapontados; nem o sucesso, nem a felicidade, nem mesmo a paz de consciência coroam os nossos esforços infrutíferos para fazer bem. As nossas fragilidades são invencíveis, as nossas virtudes, estéreis; a batalha continua inflamada contra nós até ao ocaso.» A esta visão desanimada, acrescentou ainda, no seu *Christmas Sermon*: «Ser honesto, ser gentil — ganhar alguma coisa e gastar um pouco menos, fazer toda a família mais feliz pela sua presença, renunciar quando isso for necessário e não ser amargurado, manter alguns amigos, mas sem capitular — acima de tudo, na mesma triste condição, continuar amigo de si próprio — eis uma tarefa para tudo o que um homem possua de força e delicadeza. Tem uma alma ambiciosa que pediria mais; tem um espírito esperançoso que deve pôr em tal empreendimento para ser bem-sucedido. Há, de facto, um elemento no destino humano que nem a própria cegueira pode negar: seja o que for que estejamos destinados a fazer, não estamos destinados a ter êxito; o fracasso é o destino previsto. É assim em todas as artes e estudos; é assim, acima de tudo, na sóbria arte de viver bem.»

O fracasso está no centro de *O Ladrão de Cadáveres*, cuja trama deriva de uma lenda urbana que Stevenson terá ouvido contar à sua senhoria escocesa, a Sr.<sup>a</sup> Sim. O título era originalmente no plural, já que a história real dizia respeito a dois ladrões de túmulos que compravam cadáveres para um anatomista



eminente. «Talvez não haja agora nenhum outro homem vivo», diz-nos o narrador, «que vos pudesse narrar os seguintes acontecimentos chocantes e perversos». E a partir daqui desenrola-se a história de outra dupla personalidade, desta vez a de um cirurgião célebre e amoral, o Dr. Wolfe Macfarlane, e de Fettes, o estudante de medicina, que o assiste e suspeita que o médico cometeu um assassinio. A história parece ser uma história de crime realista; mas, no fim, o leitor descobre que se trata, na verdade, de um conto sobrenatural.

Esta convicção de que toda a iniciativa humana está destinada ao fracasso não é, para Stevenson, motivo de lamento, antes de regozijo. Se não estivermos condenados ao sucesso, podemos saborear os frutos do nosso trabalho sem sentimentos de culpa e sem medo de punição, fazendo o que for preciso para empregar o melhor das nossas capacidades, desfrutando do esforço físico e mental que os nossos empreendimentos exigem, e do próprio percurso do trabalho. «Espera-se que viajar seja melhor do que chegar», escreveu em *«El Dorado»*.

Portanto, a filosofia de Stevenson é, acima de tudo, feliz, grata por pequenas e grandes bênçãos. E é por isso que Stevenson é um dos poucos escritores que deixa os seus leitores com um sentimento de felicidade. O mundo encanta-o, não pelo que pode oferecer ou ceder, mas em si mesmo, pela sua própria existência, e ele quer partilhar connosco essa alegria quase arbitrária. «Não há dever tão subestimado como o dever de sermos felizes», escreveu em *Uma Apologia do Ócio*. E na sua última oração samoana pediu a Deus que lhe concedesse esta graça: «Renova em nós o sentido da alegria.»

«Ninguém pode lê-lo sem se comover», escreveu Stevenson sobre o *Meditações* de Marco Aurélio. «Quando o lemos, levamos connosco uma memória do próprio homem. É como se tivéssemos

tocado uma mão leal, fixado olhos corajosos, e feito um nobre amigo; há outra ligação doravante a vincular-nos à vida e ao amor à virtude.» Estas palavras podem ser aplicadas, sem mudar uma única, ao estranho caso de Robert Louis Stevenson.

*Alberto Manguel*

*Lisboa, 23 de fevereiro de 2023*

O Estranho Caso  
do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde  
e Outros Contos

# O Ladrão de Cadáveres

Todas as noites do ano, nos sentávamos, nós os quatro, na pequena saleta da estalagem George em Debenham — o cangalheiro, o dono da casa e Fettes, mais eu próprio. Por vezes, éramos mais; mas ventasse muito ou pouco, viesse chuva, neve ou geada, cada um de nós quatro lá estaria instalado na sua própria poltrona particular. Fettes era um velho escocês bêbedo, um homem com educação, obviamente, e um homem com algumas posses, posto que vivia na ociosidade. Tinha vindo para Debenham havia anos, quando ainda novo, e meramente por continuar a lá viver tinha-se tornado um habitante da cidade por adoção. O seu capote de chamalote azul era uma antiguidade local, tal como a flecha da igreja. O seu lugar na saleta da George, a sua ausência da igreja, os seus velhos vícios, crapulosos e desonrosos, eram tudo coisas sabidas em Debenham. Tinha umas vagas opiniões radicais e umas quantas infidelidades fugazes, que, de vez em quando, expunha e enfatizava com palmadas pouco firmes em cima da mesa. Bebia rum — cinco copos, regularmente, todas as noites — e, durante a maior parte da sua visita noturna à George, estava sentado, com o copo na mão direita, num estado de melancólica saturação alcoólica. Chamávamos-lhe o Médico, já que era suposto ele ter algum conhecimento especial de medicina e tinha a reputação de, em caso de necessidade, reduzir uma fratura ou remediar uma luxação; mas, para além desses insignificantes pormenores,

não tínhamos nenhum conhecimento da sua personalidade nem dos seus antecedentes.

Numa escura noite de inverno — tinham soado as nove, pouco tempo antes de o dono da hospedaria se ter juntado a nós —, houve um homem doente na George, um grande proprietário da vizinhança subitamente fulminado por uma apoplexia, quando ia a caminho do Parlamento; e o médico londrino desse grande homem, que era ainda maior do que ele, fora chamado por telegrama à sua cabeceira. Era a primeira vez que tal coisa acontecia em Debenham, pois o caminho de ferro só recentemente tinha sido aberto, e estávamos todos proporcionalmente emocionados com a ocorrência.

— Ele chegou — disse o dono da hospedaria, depois de ter enchido e acendido o seu cachimbo.

— Ele? — disse eu. — Quem?... Não o médico?

— Ele próprio — replicou o nosso anfitrião.

— Qual é o nome dele?

— Doutor Macfarlane — disse o dono da casa.

Fettes já ia adiantado pelo seu terceiro copo, estupidamente embriagado, ora cabeceando sobre este, ora olhando confusamente à sua volta; mas, perante a última palavra, pareceu acordar e repetiu o nome «Macfarlane» por duas vezes; da primeira vez, assaz calmamente, mas com uma súbita emoção da segunda.

— Sim — disse o dono da hospedaria —, é esse o nome dele, Doutor Wolfe Macfarlane.

Fettes ficou instantaneamente sóbrio; os seus olhos despertaram, a sua voz tornou-se clara, sonora e firme, a sua linguagem, enérgica e séria. Todos nós quedámos surpreendidos com a transformação, como se um homem se tivesse erguido de entre os mortos.

— Peço-vos perdão — disse ele —, receio não ter estado a dar muita atenção à vossa conversa. Quem é esse Wolfe Macfarlane? — E depois, tendo escutado o dono da casa até ao fim, acrescentou: — Não pode ser, não pode ser. E, contudo, bem gostaria de o ver cara a cara.

— Conhece-o, Doutor? — perguntou o cangalheiro, com um sobressalto.

— Deus me livre! — foi a resposta. — E, no entanto, o nome é um nome estranho; seria demasiado imaginar dois. Diga-me, patrão, ele é velho?

— Bem — disse o anfitrião —, não é um homem novo, com certeza, e tem o cabelo branco; mas parece mais novo do que você.

— É mais velho, contudo; anos mais velho. Mas — uma palmada em cima da mesa — é o rum que vê na minha cara... rum e pecado. Este homem talvez possa ter uma consciência fácil e uma boa digestão. Consciência! Ouça-me falar. Pensaria que eu fui algum bom, velho e decente cristão, não pensaria? Mas não, eu não; eu nunca fui hipócrita. Voltaire podia ter sido hipócrita, se estivesse no meu lugar; mas os miolos — um piparote ruidoso na sua cabeça careca —, os miolos estavam desanuviados e ativos, e eu vi e não fiz deduções.

— Se conhece esse médico — atrevi-me eu a observar após uma pausa bastante grande —, quer-me parecer que não partilha a boa opinião do dono da casa.

Fettes não me prestou atenção.

— Sim — disse ele com uma súbita decisão —, tenho de o ver cara a cara.

Houve uma outra pausa e, depois, uma porta fechou-se assaz bruscamente no primeiro andar, e ouviu-se um passo na escada.

— É o médico! — exclamou o dono da hospedaria. — Despache-se, que o pode apanhar.

Havia apenas dois passos desde a pequena saleta até à porta da velha estalagem George; a larga escada de carvalho desembocava quase na rua; havia espaço para um capacho da Turquia e nada mais entre a soleira e o último degrau da descida; mas esse pequeno espaço estava brilhantemente iluminado todas as noites, não só pela luz por cima da escada e pela grande lanterna de sinalização por debaixo da tabuleta, mas também pelo quente resplendor vindo da janela da sala do bar. A George anunciava-se

assim brilhantemente aos transeuntes que passavam na fria rua. Fettes caminhou com firmeza até ao sítio, e nós, que tínhamos ficado para trás, vimos os dois homens encontrarem-se, tal como um deles se exprimira, cara a cara. O Dr. Macfarlane era vivo e vigoroso. O seu cabelo branco realçava-lhe o semblante pálido e plácido, embora enérgico. Estava opulentamente vestido do melhor dos panos finos e do mais branco dos linhos, com uma grande corrente de relógio de ouro e botões de punho e óculos do mesmo metal precioso. Usava uma gravata largamente dobrada, branca e salpicada de lilás, e trazia no braço um confortável casaco de viagem de peles. Não havia dúvida de que não aparentava a sua idade, respirando como respirava riqueza e consideração; e era um contraste surpreendente ver o nosso bêbedo da saleta — careca, sujo, borbulhento e envolto na sua velha capa de chamalote — enfrentá-lo no fundo da escada.

— Macfarlane! — disse ele um tanto ruidosamente, mais como um arauto do que como um amigo.

O grande médico deteve-se bruscamente no quarto degrau, como se a familiaridade do trato o surpreendesse e ferisse um tanto a sua dignidade.

— Toddy Macfarlane! — repetiu Fettes.

O homem de Londres quase cambaleou. Olhou fixamente, pelo mais breve dos segundos, para o homem à sua frente, relançou um olhar para trás com uma espécie de susto e depois, num sussurro sobressaltado, disse:

— Fettes! Tu!

— Sim — disse o outro —, eu! Pensaste que eu também tinha morrido? Não nos desembaraçamos assim tão facilmente dos nossos conhecidos.

— Chiu! Chiu! — exclamou o médico. — Chiu! Chiu! Este encontro é tão inesperado... Pelo que vejo, andas desgovernado. Mal te reconheci, confesso, a princípio; mas estou contentíssimo... contentíssimo por ter esta oportunidade. Por agora, tem de ser como estás e adeus ao mesmo tempo, porque o meu fiacre está



à espera, e eu não posso perder o comboio; mas tu vais... deixa-me ver... sim... vais dar-me o teu endereço, e podes contar com notícias minhas em breve. Temos de fazer alguma coisa por ti, Fettes. Receio que andes com os cotovelos puídos; mas temos de tratar disso pela *auld lang syne*<sup>1</sup>, como em tempos cantávamos nas ceias.

— Dinheiro! — gritou Fettes. — Dinheiro da tua parte! O dinheiro que recebi de ti está lá caído para onde eu o atirei, debaixo de chuva. O Dr. Macfarlane, com as suas palavras, tinha-se dotado de um certo grau de superioridade e confiança, mas a energia invulgar daquela recusa precipitou-o outra vez na sua confusão inicial.

Uma expressão horrível, feia, perpassou pelo seu semblante quase venerável.

— Meu caro amigo — disse ele —, seja conforme te agradar; a última coisa em que eu penso é em te ofender. Não gostaria de incomodar ninguém. Vou deixar-te o meu endereço, no entanto...

— Não o desejo... não desejo conhecer o teto que te abriga — interrompeu o outro. — Ouvi o teu nome e recei que pudesses ser tu. Desejava saber se, afinal, havia um Deus; sei agora que não há nenhum. Rua!

Ele ainda estava no meio do capacho, entre a escada e a porta, e o grande clínico de Londres, para escapar, seria forçado a desviar-se para um dos lados. Era evidente que ele hesitava, ao pensar nessa humilhação. Branco como ele estava, havia um brilho perigoso nos seus óculos; mas enquanto ainda hesitava, inseguro, apercebeu-se de que o condutor do seu fiacre estava a espreitar, lá da rua, para aquela cena inusitada e, ao mesmo tempo, vislumbrou o nosso pequeno grupo do lado da saleta, apinhado ao canto do bar. A presença de tantas testemunhas decidiu-o imediatamente a fugir. Preparou-se para o salto, roçando pelo lambрил, e atirou-se como uma serpente, direito à porta. Mas a sua tribulação ainda não tinha chegado inteiramente ao fim, pois mesmo enquanto ele passava, Fettes agarrou-o pelo braço, e estas palavras saíram num sussurro, mas, ainda assim, perfeitamente distintas:

— Tornaste a vê-lo?

O grande e rico médico de Londres gritou bem alto, soltando um grito agudo e estrangulado; passou apressadamente pelo seu interrogador através do espaço aberto e, com as mãos por cima da cabeça, fugiu pela porta fora como um ladrão posto a descoberto. Antes que tivesse ocorrido a um de nós fazer um movimento, já o fiacre ia a chocalhar a caminho da estação. A cena tinha acabado como um sonho, mas o sonho tinha deixado provas e vestígios da sua passagem. No dia seguinte, o criado encontrou os bonitos óculos de ouro partidos na soleira da porta. E, nessa mesma noite, todos nós ficámos ansiosos junto à janela da sala do bar, e Fettes, a nosso lado, sóbrio, pálido e com ar resoluto.

— Deus nos proteja, Sr. Fettes! — disse o dono da estalagem, ao ser o primeiro a entrar na posse dos seus sentidos habituais. — O que vem lá a ser tudo isto? São coisas estranhas, que você tem estado a dizer.

Fettes voltou-se para nós; olhou sucessivamente para cada um de nós na cara.

— Vede se sois capazes de ter tento na língua! — disse ele. — Esse homem, Macfarlane, não é de confiança para se lidar com ele; aqueles que o fizeram, já se arrependeram tarde demais.

E depois, sem acabar sequer o seu terceiro copo e muito menos esperar pelos outros dois, disse-nos adeus e saiu, sob a lanterna da hospedaria, para a noite negra.

Nós os três voltámos aos nossos lugares na saleta, com o grande lume vermelho e três velas claras; e, à medida que recapitulávamos o que se tinha passado, o primeiro calafrio da nossa surpresa em breve se transformou num ardor de curiosidade. Ficámos até tarde; foi a sessão mais tardia que eu conheci na velha George. Cada qual, antes de nos separarmos, tinha a sua teoria, que estava obrigado a provar; e nenhum de nós tinha nada mais urgente a fazer neste mundo do que descobrir o passado do nosso rejeitado companheiro e surpreender o segredo que ele partilhava com o grande médico de Londres. Não é grande bazófia, mas creio

que me ajeitava melhor a arrancar uma história do que qualquer dos meus companheiros lá na George; e talvez não haja agora nenhum outro homem vivo que vos pudesse narrar os seguintes acontecimentos chocantes e perversos.

Nos seus dias de juventude, Fettes estudou Medicina nas escolas de Edimburgo. Tinha um certo talento, esse talento que apanha rapidamente aquilo que ouve e prontamente o esmiúça em seu próprio proveito. Trabalhava pouco em casa, mas era cortês, atento e inteligente na presença dos seus mestres. Estes depressa o distinguiram como um rapaz que escutava atentamente e se recordava bem. Não, por estranho que me parecesse quando ouvi dizer isso pela primeira vez, ele era, nesses tempos, bem favorecido e agradava pela sua aparência exterior. Havia, nesse período, um certo professor convidado de Anatomia, que eu designarei aqui pela letra K. O seu nome veio a ser, posteriormente, por demais bem conhecido. O homem que o usava andava sorrateiro e disfarçado pelas ruas de Edimburgo, enquanto a população, que aplaudia a execução de Burke<sup>2</sup>, reclamava em voz alta o sangue do seu empregador. Mas Sr. K. estava então no auge da sua voga; gozava de uma popularidade devida em parte ao seu próprio talento e habilidade, em parte à incapacidade do seu rival, o professor da universidade. Os estudantes, pelo menos, apostavam no seu nome, e o próprio Fettes acreditava ter assentado os alicerces do êxito, quando adquirira o favor desse homem meteoricamente famoso, e outros acreditavam nisso mesmo. Sr. K. era um *bon vivant*<sup>3</sup>, bem como um professor talentoso; não gostava menos de uma ilusão matreira do que de uma preparação cuidadosa. Em ambas as vertentes, Fettes usufruía e merecia a sua atenção, e, no segundo ano da sua frequência, ocupou o lugar meio regulamentar de segundo demonstrador ou assistente nas suas aulas.

Nessa qualidade, a responsabilidade pelo anfiteatro e pela sala de conferências recaía em especial sobre os seus ombros. Tinha de responder pela limpeza das instalações e pela conduta dos outros estudantes, e fazia parte dos seus deveres fornecer,

receber e repartir os vários corpos para dissecar. Foi com vista a este último assunto — nessa época, muito delicado — que ele foi alojado por Sr. K. na mesma rua estreita e, por fim, no mesmo edifício das salas de dissecação. Aí, após uma noite de prazeres turbulentos, com a mão ainda vacilante, a vista ainda enevoada e confusa, seria chamado a sair da cama, nas horas negras antes da invernial alvorada, pelos vendedores clandestinos, imundos e terríveis, que abasteciam a mesa. Abriria a porta a esses homens, desde então mal-afamados em todo o país. Ajudá-los-ia a carregar o seu trágico fardo, pagar-lhes-ia o seu sórdido preço e permaneceria sozinho, depois de eles se irem embora, com os desagradáveis despojos da humanidade. Era de uma cena dessas que ele voltaria para aproveitar mais uma hora ou duas de sono, para reparar os excessos da noite e se refrescar para os afazeres do dia.

Poucos rapazes poderiam ter sido mais insensíveis às impressões de uma vida passada assim entre as insígnias da mortalidade. A sua mente estava fechada a todas as considerações de ordem geral. Ele era incapaz de se interessar pelo destino e pela sina de outra pessoa, era escravo dos seus próprios desejos e das suas baixas ambições. Frio, leviano e egoísta em último recurso, tinha aquele mínimo de prudência, erradamente chamado moralidade, que põe um homem a salvo da embriaguez inconveniente ou do roubo punível. Ambicionava, além disso, um certo grau de consideração por parte dos seus mestres e condiscípulos e não tinha qualquer desejo de falhar de forma manifesta nos aspetos exteriores da vida. Assim, tirou prazer em obter alguma distinção nos seus estudos e, dia após dia, prestava um irrepreensível serviço ao seu empregador, Sr. K., sob a vigilância deste. Pelo seu dia de trabalho, indemnizava-se a si próprio com noites de divertimento tumultuoso e devasso; e quando era alcançado esse equilíbrio, o órgão a que ele chamava a sua consciência declarava-se satisfeito.

O abastecimento de cadáveres era uma preocupação contínua para ele bem como para o seu mestre. Naquela aula grande e concorrida, a matéria-prima dos anatomistas estava perpetuamente

a esgotar-se; e o negócio, que assim se tornava necessário, não era apenas desagradável em si mesmo como até ameaçava ter consequências perigosas para todos aqueles que nele estivessem envolvidos. Era política de Sr. K. não fazer perguntas nos seus contactos com o tal negócio. «Eles trazem o corpo, e nós pagamos o preço», costumava ele dizer, insistindo na aliteração *quid pro quo*. E também, mas em termos um tanto ou quanto profanos, dizia aos seus assistentes: «Não façam perguntas por motivos de consciência.» Não havia a noção de que os cadáveres fossem fornecidos por meio do crime de homicídio. Se essa ideia lhe tivesse sido esboçada em palavras, ele teria recuado com horror; mas a leviandade do seu discurso acerca de uma matéria tão grave era, já de si, uma ofensa aos bons costumes e uma tentação para os homens com os quais lidava. Fettes, por exemplo, tinha muitas vezes comentado para consigo próprio a singular frescura dos corpos. Tinha ficado impressionado, uma e outra vez, com os ares compungidos, abomináveis, dos rufiões que vinham ter com ele antes do alvorecer; e, juntando uma coisa à outra, talvez nos seus pensamentos íntimos atribuísse claramente um significado demasiado imoral e demasiado categórico aos conselhos irrefletidos do seu mestre. Entendia que, em resumo, o seu dever tinha três componentes: aceitar o que lhe era trazido, pagar o preço e desviar os olhos de qualquer evidência de crime.

Numa manhã de novembro, essa política de silêncio foi seriamente posta à prova. Ele tinha estado acordado toda a noite com uma atroz dor de dentes — andando de um lado para o outro no quarto como uma fera enjaulada ou atirando-se numa fúria para cima da cama — e tinha, por fim, caído naquele sono profundo, desassossegado, que tantas vezes se segue a uma noite de dores, quando foi despertado pela terceira ou quarta irritada repetição do sinal combinado. Havia um luar ténue, mas brilhante; o tempo estava muito frio, ventoso e glacial; a cidade ainda não tinha despertado, mas uma agitação indefinível já preludiava o ruído e a atividade do dia. Os vampiros tinham chegado mais tarde do que

o habitual e pareciam mais ansiosos por se irem embora do que habitualmente. Fettes, doente de sono, alumiou-lhes o caminho pela escada acima. Ouviu as suas vozes irlandesas<sup>4</sup> resmungonas através de um sonho; enquanto eles despejavam o saco da sua triste mercadoria, ele inclinou-se a dormir com o ombro apoiado na parede; teve de se sacudir para encontrar o dinheiro para os homens. Ao fazê-lo, os seus olhos encontraram por acaso o rosto morto. Ele sobressaltou-se; acercou-se dois passos, erguendo a vela.

— Deus Todo-Poderoso! — gritou. — É a Jane Galbraith!

Os homens não responderam nada, mas aproximaram-se da porta, arrastando os pés.

— Eu conheço-a, digo-vos eu — continuou ele. — Ela estava viva e de boa saúde ontem. É impossível que possa estar morta. É impossível que tenhais conseguido este corpo honestamente.

— De certeza, senhor, que está enganado inteiramente — disse um dos homens.

Mas o outro olhou Fettes nos olhos com um ar sombrio e exigiu o dinheiro de imediato.

Era impossível entender mal a ameaça ou exagerar o perigo. O coração do rapaz faltou-lhe. Balbuciu umas desculpas, contou a quantia e viu partir os seus odiosos visitantes. Mal eles se tinham ido embora, apressou-se a confirmar as suas dúvidas. Através de uma dúzia de sinais inquestionáveis, identificou a rapariga com quem tinha andado a galhofar no dia anterior. Viu com horror marcas no corpo dela que bem podiam denotar violência. O pânico apoderou-se dele e procurou refúgio no seu quarto. Aí, refletiu demoradamente sobre a descoberta que tinha feito; ponderou sensatamente o sentido das instruções de Sr. K. e o perigo para si próprio ao interferir num assunto tão sério, e, por fim, numa extrema perplexidade, decidiu esperar pelo conselho do seu superior imediato, o assistente da classe.

Este era um jovem médico, Wolfe Macfarlane, um grande favorito entre todos os estudantes estouvados, inteligente, perdulário e desprovido de escrúpulos ao mais alto grau. Tinha viajado

e estudado no estrangeiro. As suas maneiras eram agradáveis e um pouco atrevidas. Era uma autoridade no palco, habilidoso sobre o gelo ou nas ligações com o clube de patinagem ou de golfe; vestia-se com uma bela audácia e, para pôr um retoque final na sua glória, mantinha um cabriolé e um robusto cavalo de trote. Com Fettes, estava em termos de intimidade; na verdade, os seus lugares respetivos tornavam necessária uma certa comunidade de vida; e quando escasseavam os cadáveres para dissecar, os dois iam até longe pelo campo fora, no cabriolé de Macfarlane, para visitar e profanar algum cemitério isolado e regressar, antes da alvorada, com a sua presa à porta da sala de dissecação.

Naquela específica manhã, Macfarlane chegou um tanto mais cedo do que era seu hábito. Fettes ouviu-o, foi ao seu encontro na escada, contou-lhe a sua história e mostrou-lhe a causa do seu alarme. Macfarlane examinou as marcas no corpo da morta.

— Sim — disse ele, abanando a cabeça —, parece suspeito.

— Bem, que havia eu de fazer? — perguntou Fettes.

— Fazer? — repetiu o outro. — Queres fazer alguma coisa? Quanto mais se falar, pior, diria eu.

— Qualquer outra pessoa a poderia reconhecer — objetou Fettes.

— Ela era tão bem conhecida como Castle Rock<sup>5</sup>.

— Vamos esperar que não — disse Macfarlane —, e se alguém a reconhecer... bem, não a reconheceste tu, estás a ver, e acabou-se. O facto é que isto já dura há demasiado tempo. Se remexeres na lama, metes o K. no maior dos sarilhos; e tu próprio estarias numa situação terrível. E eu também estarei, se fores até esse ponto. Gostaria de saber com que cara ficaria qualquer de nós, ou que diabo teríamos para dizer a nosso favor em qualquer barra das testemunhas cristã. Para mim, sabes que há uma coisa certa... que, falando em termos práticos, todos os nossos sujeitos foram assassinados.

— Macfarlane! — gritou Fettes.

— Anda lá! — escarneceu o outro. — Como se tu próprio não tivesses suspeitado disso!

— Suspeitar é uma coisa...

«Se sou o chefe dos pecadores,  
também sou o chefe dos sofredores.»

Em *O Ladrão de Cadáveres*, dois jovens estudantes de Medicina, a mando do seu professor de Anatomia, roubam cadáveres para fins macabros. No conto seguinte, *Markheim*, um homem envolve-se numa alteração com um lojista e ataca-o violenta e desproporcionadamente; quando regressa a si, percebe-se observado. *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* conta-nos a história de um reputado médico, Dr. Jekyll, que inventa uma fórmula química capaz de isolar a maldade da sua personalidade. Esta descoberta permite-lhe alimentar um impulso antigo e vaguear pela noite, livre de quaisquer constrangimentos morais, espalhando o terror na cidade.

Robert Louis Stevenson, mestre do horror e da literatura gótica, explora o inconsciente e o primitivo, indissociáveis da condição humana, e expõe, sem peias, as ansiedades da sociedade vitoriana do final do século XIX.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Paulo Osório de Castro  
Introdução de Alberto Manguel



«Adoração do diabo»,  
de *Os Maçons*  
1932 (litografia)  
Eugen Lennhoff

© Bridgeman Images

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
   [penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

ISBN 9789895647132



9 789895 647132 >